

ENTRE MUITAS HISTÓRIAS: COMENTÁRIOS AO TEXTO DA AUTORA MARIA ISABEL BARRENO

*Ivete Lara Camargos Walty**

O texto da autora Maria Isabel Barreno aqui apresentado é ele próprio um mapa de vários caminhos, ou fragmentos de mapas, nós de um hipertexto, escritura marcada pela subjetividade autoral em suas diversas possibilidades.

Vamos, pois, nos aproveitar da ausência da autora, que matou a si mesma, para seguir algumas trilhas, delineando perfis entrevistados na leitura desse texto em diálogo com outros. Ao fazer isto, estaremos referendando a proposta de interação, de interatividade da autora, leitora de seus próprios textos.

E é justamente desse rico lugar (para imitar o sotaque português) da enunciação literária, que gostaria de falar, comentando rapidamente um conto de *O círculo vicioso* (1996), a que a autora não se refere aqui: “A descida aos infernos”.

A aventura do espeleólogo na descida de uma cratera, obviamente uma volta ao útero materno em suas múltiplas significações, traduz sua busca de origem e, por que não?, a da própria autora. Ao encontrar, naquele lugar que imaginava ser o fundo da gruta, um estranho à procura de uma Helena, que dizia não ser a de Tróia, o espeleólogo encontra o seu outro eu, ou o outro de si mesmo, escondido, como o homem, pelo sobretudo. Um homem em busca de sua história:

Estou aqui só de passagem, entre uma história e outra, uma vez e outra – (...). – Mergulhei fundo demais, quero dizer, acho que falhei, e agora estou aqui à espera do voltar à superfície. Talvez apareça outra história onde eu possa entrar. (1996, p. 42).

Só que atrás deles havia uma outra entrada/saída da caverna. O fundo era também superfície.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Gostaria de partir dessa história ou dessas histórias, já que aí estão histórias de Ulisses, de Orfeu, de Cristo e de muitos outros que desceram aos infernos, para dialogar com os escritos de Maria Isabel Barreno. Em primeiro lugar, evocando o mito da caverna de Platão, queria levantar alguns pontos sobre a questão do real.

A autora relativiza com propriedade o conceito de real, mostrando-o como uma construção subjetiva e/ou social. Nesse momento reconhece seus efeitos de sentido a se construir na superfície. No entanto, apóia-se, por vezes, em soluções determinantes e determinadas, na busca da essência contida no fundo da caverna. A primeira delas é a neurolingüística a que atribui o poder de interferir no nosso poder de criar e alterar nossas narrativas. Opõe, então, a neurolingüística à psicanálise, conferindo à primeira maior argúcia no tratamento da relação corpo/mente e na percepção da importância da narração como forma de criação do mundo.

Atribui ainda a essa ciência a descoberta de que “todos temos uma ficção interna – e não só os escritores;” e de que “gostamos tanto mais de um texto (...) quanto mais nos é possível reconhecerno-nos nele, ou seja, quando mais ele tem o poder de ser uma metáfora de nosso mundo interno, de nós próprios”.

A questão da relatividade do real, de sua construção como linguagem, fruto da relação do homem com a natureza ou com outros homens, pode ser estudada via Marx, ou via os filósofos do descentramento, como Deleuze, por exemplo, que joga luzes sobre as sombras da caverna de Platão, ou, pelo contrário, dissemina essas sombras, mostrando que tudo são sombras, tudo é simulacro.

Por outro lado, a questão da subjetividade tem dado pano para manga para estudiosos de diferentes campos de conhecimento, entre eles, Derrida, citado pela autora, com o texto “O monolingüismo do outro”. Enquanto isso Barthes já mostrara que a leitura é atravessada pelo desejo, como bem ilustra o filme de Michel de Ville, *La lectrice (Uma leitora muito particular)*. Além disso, os estudiosos da recepção já trabalharam com a importância dos conhecimentos prévios, o que não exclui as vivências afetivas. Por que, então, atribuir tanta importância à neurolingüística em detrimento da psicanálise?

Também no livro **Um mundo sobre o outro desbotado** (1995), a autora critica a psicanálise, que chama de positivista. Gostaria de observar que, na narrativa, os psicanalistas estão entre aqueles que ainda se interrogam sobre a nova ordem instituída, quando todos já a aceitaram, num movimento de solidariedade e confraternização:

As reduzidas minorias no núcleo dos cientistas, dos intelectuais, ou mesmo dos artistas, ou ainda nos cernes duros da sociedade em geral – queremos dizer as minorias conservadoras e renitentes – continuaram lutando e com alguma existência, se bem que numa só minoria que nada tinha de coeso, e onde militavam cientistas, católicos e prosélitos de outras religiões, comunistas, senhoras da melhor sociedade, comerciantes e industriais, etc., ou gente que, pelo menos, com estes atributos se qualificava. (1995, p. 80-81)

Construído ao modo de uma parábola, o texto opõe uma minoria, que qualifica de cega e surda, àquela nova comunidade em que “as pessoas aprendiam a ver-se e entender-se num instante”.

A frase final, em que se afirma que os da minoria “não tardaram a ser tão esquecidos quanto suas perguntas inúteis”, revela que o ideal seria pois a união, “a igualdade com os magníficos seres”.

Vê-se, pois, que, ao invés da proposição de uma lógica diversa da positivista, por exemplo, que se abrisse para colher outras visões de mundo, como seria a de Lobélia; o que se propõe, em nome da solidariedade, é a uniformização de visão e de pensamento, o fim da diversidade. Apresentam-se respostas e anulam-se questões. Não é sem razão que, no texto lido aqui, ao referir-se a essa personagem, por ocasião da sua visita ao mar, a autora recorra à narrativa, interrompendo o narrador, para afirmar: “É enfim, um exemplo de encontro definitivo, sempre com tema solar e aquático, exemplo da *fusão* de dois mundos *num novo e único território*.” (grifos acrescentados). Dessa forma, propõe o único no lugar do diverso, a estaticidade em lugar do dinâmico.

Cita mais um pouco da história de Lobélia e, ao afirmar que não encerra o livro, diz: “O humor que mais verdadeiramente aprecio nasce dessa constatação de nossas patéticas tentativas de colocar o absoluto – a verdade absoluta – neste mundo relativo, de relativos olhares”.

Vê-se, pois, que a autora tem consciência de suas contradições que, ademais não são apenas dela, mas de todos nós que, a despeito de termos consciência da relatividade do real, da impossibilidade do centramento e da inacessibilidade da origem, insistimos em perseguir a “verdade absoluta – neste mundo relativo, de relativos olhares”.

Deixo a vocês estas considerações para que possamos refletir sobre uma das facetas do projeto de escrita da autora, em seu encontro/desencontro com seus leitores, consigo mesma ou com seu outro na caverna. Afinal, estamos todos entre uma história e outra, esperando a próxima para poder entrar/sair da caverna.

Referências bibliográficas

- BARRENO, Maria Isabel. *Um mundo sobre o outro desbotado*. Lisboa: Caminho, 1995.
_____. *O círculo vicioso*. Lisboa: Caminho, 1996.